



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



MULHERES NAS CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Área temática: Educação

K. TORRES¹; T. VIEIRA²; T. TAYRINE²; R. BERNARDES³; J. FELIX⁴

Universidade Federal de São João del – Rei – (UFSJ)

Resumo

Apresentamos os resultados de ações realizadas com jovens meninas dos 12 aos 18 anos de idade, das escolas públicas e particulares de Ouro Branco – MG, com o intuito de aumentar, a longo prazo, o número de mulheres no mercado de trabalho, principalmente nas áreas onde elas são minoria, por razões do condicionamento cultural de nossa sociedade e carência de informação. Paralelamente, estudos foram realizados no sentido de entender como este condicionamento se forma e como atuar para que ele seja eliminado. Concluimos que a família e a sociedade exercem uma grande influência na escolha da carreira pelas meninas. Assim, ações devem ser destinadas não só à Educação Básica (fundamental e médio), mas inclusive à Educação Infantil, bem como palestras e ou seminários para os profissionais da educação e responsáveis pelas crianças e jovens no sentido de apoio às meninas na escolha de sua carreira e desconstrução de frases e pensamentos discriminatórios limitantes que as impedem de ir para áreas predominantemente masculinas.

Palavras chave. Mulher; Carreira, Educação

1. Introdução

A partir do final da década de 60, a mulher teve uma progressiva participação nas atividades econômicas. Este fato tem sustentado o intenso crescimento da população ativa, que ocorre junto com a diminuição do ritmo de crescimento da população global e a redução na participação de jovens do sexo masculino, onde anteriormente era significativamente alta (LEONE e BALTAR, 2008).

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Mesmo com o aumento feminino no mercado de trabalho e com as políticas públicas para reduzir as desigualdades de gênero, elas ainda são minoria e tem sofrido com diferenças com relação ao público masculino no que tange, por exemplo, aos salários.

O Relatório de Desenvolvimento Humano elaborado em 2015 e publicado pelo Programa de Nações Unidas (Pnud), revelam que as mulheres executam 52% de todo o trabalho no mundo, mas ganham em média, 24% menos que os homens para uma mesma atividade (Pnud, 2015).

Num estudo elaborado por economistas e divulgado em 2009 pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, as diferenças continuam sendo marcantes nos países latino-americanos (ATAL et al 2009). O estudo revela que em todas as faixas de idade, níveis de instrução, tipo de emprego e empresa, elas estão em desvantagem: recebem 10% a menos que os homens, numa comparação simples e 17% a menos se comparadas com homens de mesma idade e nível de instrução. No setor rural a disparidade é menor, tendendo para a igualdade. Entre jovens universitárias a diferença salarial é menor entre trabalhadores formais e mais alta em pequenas empresas. Dos 18 países pesquisados, o Brasil apresenta um dos maiores índices de disparidade salarial, correspondendo a uma diferença salarial de 30% a favor do público masculino. As recomendações propostas pelo estudo para atenuar esta realidade vai desde a implementação de políticas para aumentar o nível educacional da minoria e aumento do número de creches até mais igualdade na divisão das tarefas domésticas. Os dados fornecidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA (IPEA, 2011; QUEIROZ et al, 2014) revelam uma situação mais drástica, em média, a renda de uma mulher branca corresponde a 55% da renda de um homem branco e a de uma mulher negra a 35% da renda recebida por um homem branco.

Em meios acadêmicos federais a disparidade de salário não existe, mas em contra partida verifica-se o fenômeno do gendramento das áreas do conhecimento com pouca presença feminina em áreas como Engenharias, Física, Matemática, Agronomia e Computação (CARVALHO & RABAY, 2011).

A Figura 1 mostra a porcentagem de mulheres docentes distribuídas por departamento e/ou áreas da Universidade Federal de São João del – Rei para os anos de 2011 e 2015. No geral, as mulheres correspondem a 37,5% (média dos dois anos) dos

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

docentes titulares e assistentes do Campus Sede e seus Campi Avançados (criados em 2008). Em média, a realidade da mulher no ambiente acadêmico da UFSJ se mostra quase estática, alguns aumentos e diminuições em algumas áreas num intervalo de quatro anos. Todos os departamentos e/ou áreas da UFSJ que se localizam abaixo da linha preta são predominantemente masculinas, com valores superiores a 50%. O gráfico exibe a forma de um funil, onde seu centro (“boca”) se encontra um número muito pequeno de mulheres - destacando Engenharia de Telecomunicações e Mecatrônica; Ciências Térmicas e dos Fluidos; Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica. Por outro lado, as mulheres se fazem mais presentes (mais que 50%, no máximo 65%) nas áreas da Psicologia; Ciência da Educação; Letras, Artes e Cultura; Arquitetura, Urbanismo e Artes; Farmácia, Medicina, Enfermagem e Bioquímica (Campus Centro Oeste Dona Lindu em Divinópolis - MG). É curioso observar que o departamento de Engenharia Biomédica do Campus Sede possui um número reduzido de mulheres (~25%).

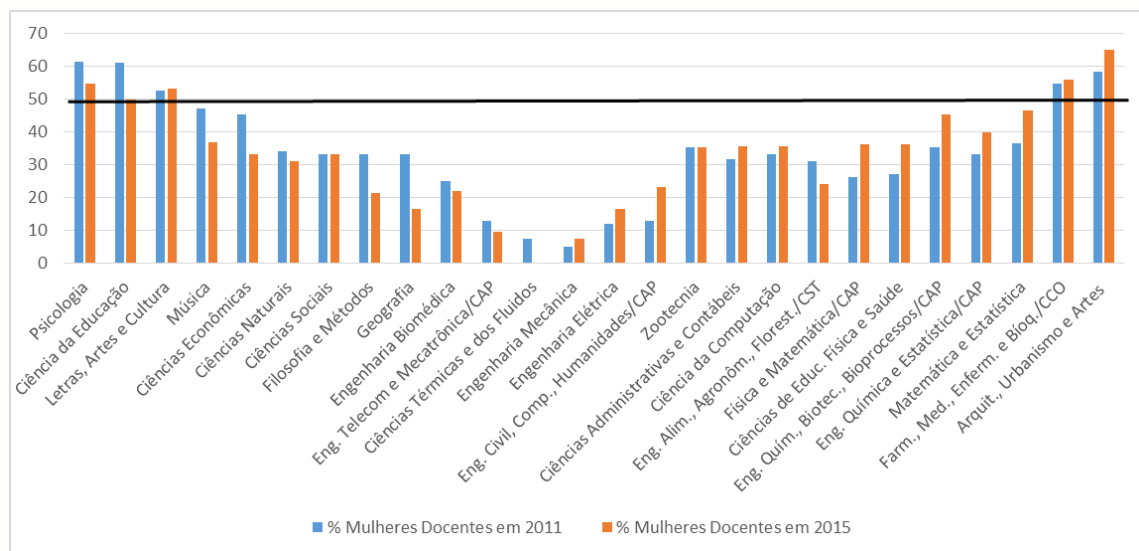


Figura 1: Porcentagem de mulheres docentes na UFSJ em 2011 e 2015. Sigla dos Campis da UFSJ - CAP: Campus Alto Paraopeba (Ouro Branco - MG); CST: Campus de Sete Lagoas; CCO: Campus Centro Oeste Dona Lindu (Divinópolis - MG). As áreas que não possuem sigla estão localizadas no Campus Sede (Dom Bosco e Santo Antônio em São João del – Rei - MG).

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Dos docentes ativos do Campus do Alto Paraopeba (CAP) em Ouro Branco, o qual é constituído pelas Engenharias de Bioprocessos, Civil, Mecatrônica, Química e Telecomunicações, elas totalizam 22.7% (2011) e 28% (2015) do número total, distribuídas em seus quatro Departamentos. A menor representação feminina encontra-se no Departamento das Engenharias de Telecomunicações e Mecatrônica (~11% - média dos dois anos) e Departamento de Tecnologia em Engenharia Civil, Computação e Humanidades (~18% - média dos dois anos). Por outro lado, a maioria, ainda escassa comparada ao total, corresponde aos Departamentos de Química, Biotecnologia e Engenharia de Bioprocessos (~40% - média dos dois anos) e Departamento de Engenharia Química e Estatística (~37% - média dos dois anos) os quais abrangem uma das áreas predominantemente feminina, a Química e a Biologia. Das oito mulheres que compõem o Departamento de Física e Matemática, quatro são da Física sendo uma com formação em Engenharia Elétrica.

Ao investigar o número de jovens meninas matriculadas nos cursos de Engenharia do CAP, desde sua implementação em 2008, o resultado revela que elas estão em grande minoria nos cursos de Engenharia de Telecomunicações e de Mecatrônica (~10%). O efeito inverso (~75%) é verificado nos cursos de Engenharia de Bioprocessos e de Química, onde a maioria é representada pelas mulheres (Figura 2).

Esta análise evidência a necessidade de trabalhar e discutir o tema Mulheres e Mercado de Trabalho nas escolas da rede pública e particular de Ouro Branco e cidades vizinhas. Ações têm sido propostas no sentido de informar as jovens meninas do ensino fundamental e médio, as possibilidades de carreira e trabalho (no Brasil e no exterior) nas áreas que envolvem Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (CTEM), de uma forma atraente e divertida, dando ênfase nas áreas onde elas são minoria. Oficinas e palestras têm sido realizadas nas dependências da UFSJ/CAP desde 2012, bem como intervenções nas escolas. Mais de 700 meninas e jovens (dos 12 aos 18 anos de idade) já foram beneficiadas com estas ações.

Nossos esforços consistem em cumprir a Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra a mulher (escrito em 1979 e coordenado depois de 2008, pelo Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos), a saber

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





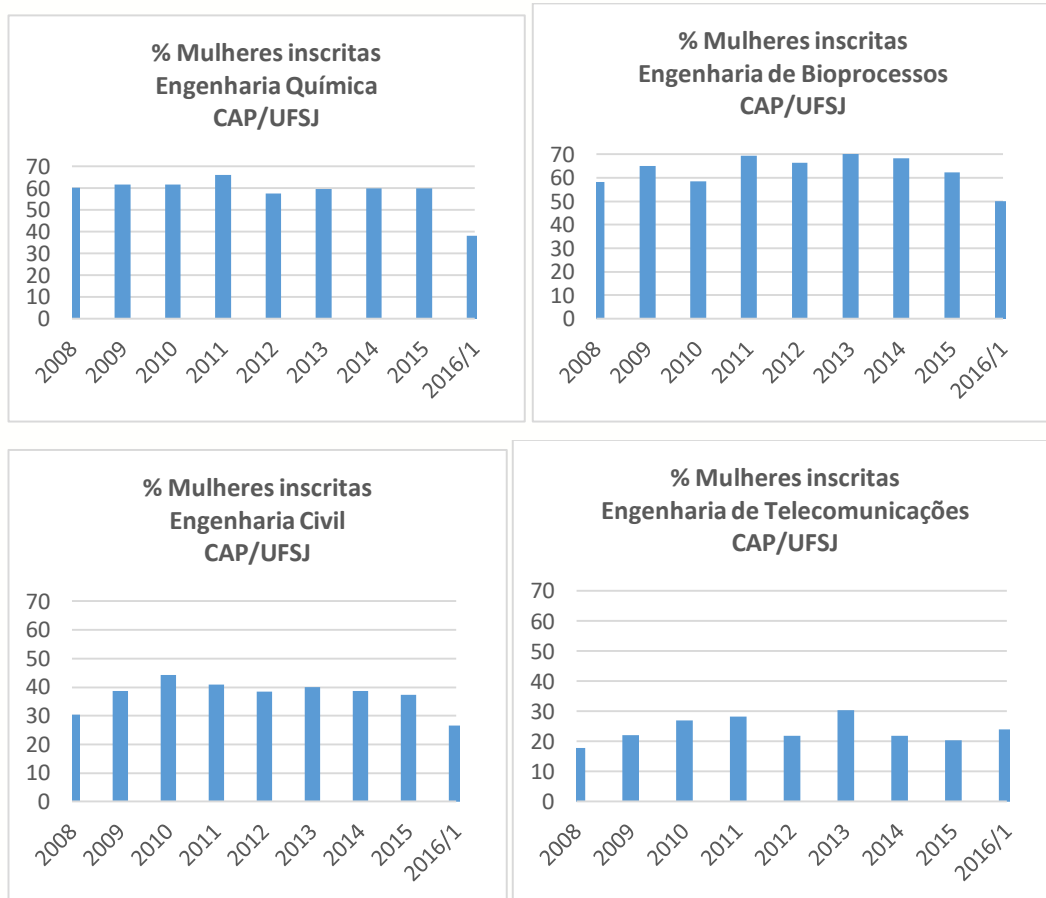
7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

(a) a eliminação de todo conceito estereotipado dos papéis masculino e feminino em todos os níveis e formas de ensino (b) contribuir para eliminar a discriminação contra mulher assegurando-lhe a igualdade de direito de escolher livremente sua profissão e emprego; (c) o direito de igual remuneração; (d) o direito às mesmas oportunidades de emprego, bem como os mesmos critérios de avaliação; (e) o direito de igualdade de tratamento no ambiente de trabalho;

Este trabalho faz parte de um projeto, a nível mundial, em cooperação com a ONG internacional, *Greenlight for Girls*, com sede em Bruxelas (Bélgica), que vem atuando desde 2010 na Europa, Índia, África (República do Congo), Estados Unidos e Brasil (desde 2012 com a criação do grupo brasileiro representante da ONG, com sede em Ouro Branco - MG).



ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



adop

UFMG

ABH

FEOP

GERDAU

CAPES

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

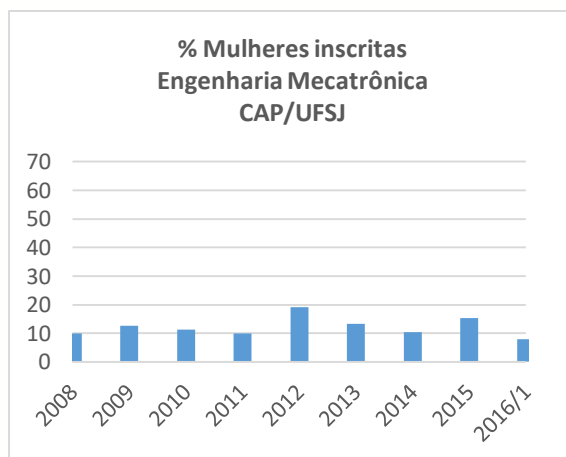


Figura 2: Porcentagem de mulheres inscritas, por ano, nos cursos de engenharia do Campus Alto Paraopeba (CAP) da UFSJ, em Ouro Branco – MG. Os valores anuais correspondem à soma das entradas nos primeiros e segundos semestres de cada ano. Dispõe-se de informação somente do primeiro semestre de 2016, caso o segundo semestre não se iniciou ainda.

A cidade de Ouro Branco possui cerca de 35.000 habitantes e a partir de 2008 conta com um Campus Avançado de Engenharia da UFSJ (CAP), na região limítrofe dos municípios de Congonhas (a 12 km) e Ouro Branco (a 6 km), onde a atividade econômica predominante é a Indústria (com a presença de uma das mais importantes Siderúrgica, Gerdau, produtora de Perfis, Fio-máquinas, Tarugos, Carboquímicos e outros). Devido a pequena população associada à presença recente da Universidade, foi fácil reconhecer a necessidade de se trabalhar os conceitos envolvendo Gênero e Mercado de Trabalho, condicionamento cultural, escolha de carreira, família e maternidade.

Esta proposta conta com o apoio da Prefeitura Municipal de Ouro Branco (e este ano com a Prefeitura Municipal de Congonhas), com suporte das agências financiadoras CAPES e FAPEMIG (em 2012) e MEC (através do edital 2013 – PROExt). Na ocasião da XII Semana de Extensão Universitária da UFSJ, realizada em 2014, o projeto recebeu o prêmio de Destaque pelas atividades desempenhadas junto à comunidade.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



2. Material e Metodologia

As atividades desenvolvidas em 2012 e 2013 consistiram em oficinas promovidas nas dependências do CAP/UFESJ e proferidas por professoras das Universidades Federais Brasileiras (UFMG, UFV, UFSJ e UFRGS) e a presidente da ONG Greenlight for Girls bem como intervenções nas escolas (2014).

Em 2012, foi realizado o primeiro workshop, denominado *1º Greenlight for Girls in Brazil*, envolvendo 150 jovens da 6ª série ao 9º ano do ensino fundamental (~12 aos 14 anos) das Escolas Municipais Livremente, João XXIII e Oswaldo Cruz (rural). Os tópicos abordados foram Biologia, Física, Astrofísica e Robótica.

O *2º Greenlight for Girls in Brazil* foi realizado em agosto de 2013 envolvendo 300 jovens de 9 escolas incluindo escolas municipais, estaduais e particulares são elas: E. M. Pio XII, E. M. Nossa Senhora do Carmo (rural), E. M. Raimundo Campos (rural), E. E. Levindo C. Carvalho, E. E. Iracema de Almeida, Colégio Batista Mineiro e Colégio Arquidiocesano. Além disso, em torno de 25 profissionais da educação atuaram em nossas atividades, com intuito de conhecer o trabalho e posteriormente ajudar no processo de condicionamento cultural dentro da escola durante o ano letivo. Os tópicos abordados envolveram Robótica, Física, Engenharia de Produção, Química, Meio Ambiente e Programação. Ainda em 2013, alunos bolsistas do projeto visitaram mais duas escolas (IFMG – Campus Ouro Branco e Colégio Batista Mineiro), onde promoveram oficinas abordadas durante as oficinas realizadas em agosto.

Em cada atividade proposta, foram aplicados formulários antes e pós-ações preenchidos pelas jovens participantes. O objetivo era identificar suas preferências vocacionais com relação a conteúdos abordados dentro de sala de aula, ressaltando assim fatores influenciadores na escolha de suas carreiras, possibilitando fazer um estudo aprofundado da relação mulher, mercado de trabalho, CTEM e condicionamento cultural em nossa região.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Paralelamente às ações, estudamos os fatores que levam nossas jovens a escolherem suas carreiras. Utilizamos da psicologia social aplicada na escolha profissional, para estudar a influência familiar, suas imposições e limitações (DIAS e SOARES, 2007), através de atividades que tentam destacar suas formas de influências. Levamos informações dentro das áreas de Física, Matemática e Engenharias, com o objetivo de atender suas curiosidades e estimulá-las dentro de suas decisões. Conseqüentemente, promovemos maior interesse pelas disciplinas da escola de ensino básico, verificando suas dificuldades e como se vêm diante delas. Propomos atividades que possam ajudar as jovens a explorar suas vontades profissionais e tomar suas próprias decisões necessárias para sua realização profissional. A partir destes pontos utilizamos do uso do ensino, da pesquisa e da extensão para interação entre as jovens, a escola e a família com a Universidade, demonstrando assim o universo enriquecedor para os alunos da UFSJ/CAP, na interação de estudos em Engenharia e aplicando-os na área de transformação social, procurando garantir os direitos de todo cidadão mesmo com o condicionamento cultural existente em nossa sociedade.

3. Resultados e Discussões

As ações de 2013 revelaram um aumento de 17% no interesse das jovens por Física e Matemática, em comparação com as atividades do ano de 2012. Possíveis razões: (a) impacto de nossas ações sobre o ambiente escolar, influenciando todas as jovens, mesmo as que não tiveram chance de participar em 2012 e que estavam presentes em 2013; (b) os dados representam outra realidade pois contamos em 2013 com uma diversidade maior de jovens estudantes (escolas municipais, estaduais e particulares) associado ao dobro de participantes em comparação com o ano de 2012;

A grande maioria (mais de 91%) declararam sua satisfação em participar das ações. Alguns depoimentos estão transcritos abaixo:

“as vezes a gente fala de matemática, de engenharia, mas a onde estão realmente? Neste evento descobrimos a importância da ciência, matemática e engenharia!”;

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

07 a 09 de setembro de 2016

“Eu vi que a Matemática e Engenharia vão além do que eu pensava, e que a Ciência, principalmente a Matemática, mesmo sem a gente perceber, estão presentes em nossas vidas, no nosso cotidiano”;

“Sempre fui interessada sobre essas matérias. Eu sempre gostei de matemática e ciências e nesse evento eu pude apreciar e conhecer melhor sobre biologia e física.”

“Na minha opinião, acho que elas tem que escolher engenharia porque nós temos que mostrar para os homens que não é só eles que podem trabalhar com essas profissões.”

“Isso é muito importante, porque a Matemática é a matéria que vamos ter pro resto da vida.” “Brincando, estudando e se divertindo nós conseguimos entender muito mais e devemos todo agradecimento a vocês pela oportunidade!”

Com relação às graduandas(os) bolsistas e voluntários, os mesmos verificaram a satisfação pessoal das participantes ao término de cada atividade, motivando-os a dar continuidade ao projeto e a buscar novas formas para estimular as jovens a escolher a carreira que melhor lhe convier. As jovens garotas perceberam a necessidade de falar um outro idioma, revelando empenho e entusiasmo. Vale ressaltar, que o processo atingiu tanto os professores (que declararam se sentirem mais motivados a dar continuidade a seus estudos) quanto os pais (que manifestaram sua satisfação quanto à atuação do projeto).

Nossos resultados mostram que a família exerce uma grande influência na escolha da carreira e que existe uma grande necessidade de informação em geral, não só das jovens, mas de todos os alunos das escolas básicas, confirmada pelos próprios profissionais da educação das escolas participantes, que acompanharam nossas ações. Este problema já foi identificado no documento Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2012 – 2015, onde ressalta que eventos de popularização da CT&I e atividades de ciência itinerante devem ser incentivados.

Através de observações no comportamento de crianças de 3 anos de idade, estudantes da educação infantil em uma escola particular, foi constatado o fenômeno do gendramento no que se refere aos tipos de brinquedos e/ou brincadeiras preferidas por meninos e meninas. De um modo geral, meninos tendem a brincar com carrinhos, super-

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



heróis e futebol e meninas de bonecas, casinha, e de cozinha. O comportamento de crianças que “invertem os papéis”, por exemplo, menina brincar de carrinho, é geralmente criticado pelas outras crianças, inclusive do mesmo sexo. Este comportamento interessante revela que desde muito cedo as crianças são condicionadas a promover a desigualdade de gênero. Se este comportamento for repetido até a fase adulta, certamente produzirão os padrões que promovem a discriminação contra a mulher na escolha da carreira, como tem sido relatado por alunas das Engenharías: “*Engenharia não é para mulher*”; “*Você é muito delicada para trabalhar em obras, deve escolher trabalhar em escritório*”; ou que coloquem em jogo suas capacidades intelectuais “*Estes exercícios são tão fáceis que as meninas vão dar conta*”; “*A mulher no laboratório serve para limpar as vidrarias*”; “*Até uma mulher destrutada faria este exercício*”.

O fato descrito acima revela que as ações não devem ser limitadas apenas às meninas e jovens do ensino fundamental e médio, mas também, às crianças da Educação Infantil (GILDA, 2011; HIRATA, 2007). Com a mesma importância, as ações devem se estender aos pais e/ou responsáveis e profissionais da educação, solicitando a reflexão e reeducação nas falas e comportamentos que exibem a discriminação contra a mulher, impedindo-as de seguir carreira em certas áreas do conhecimento, de serem igualmente aceitas e valorizadas no ambiente de trabalho escolhido, como já foi pontuado nos trabalhos de QUEIROS et al (2014). Tais ações estão sendo implementadas na continuação do projeto para este ano de 2016.

4. Conclusão

Os resultados de nossas ações são satisfatórios, pois (a) as jovens: deram maior importância a área das exatas; (b) evidenciaram um aumento em suas auto-estimas e entusiasmo, provavelmente por estar em um ambiente em que colocam a mulher de uma forma essencial na sociedade; (c) fica claro a influência da família na escolha da carreira.

É necessário que intervenções sejam também realizadas com os profissionais da educação e pais e ou responsáveis, no sentido de desconstruir comportamentos e falas discriminatórias contra a mulher e de apoiarem suas filhas nas escolhas de suas carreiras,

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

principalmente quando elas optam por profissões consideradas “masculinas”. Tais ações tem sido propostas para as escolas das cidades de Ouro Branco e Congonhas como continuação do projeto este ano.

Vale ainda ressaltar que seria muito interessante que as empresas fabricantes de brinquedos auxiliem a desmistificar a atual classe de brinquedos associados a meninos e meninas separadamente, atuando no sentido de que toda criança tenha o direito de brincar com qualquer brinquedo. Isto seria igualmente válido para as cores: azul e rosa. Tal iniciativa seria imprescindível para que apoiemos, desde os primeiros anos de vida das mesmas, a igualdade de gênero e a cooperação mútua das duas “classes” em todas as atividades, sejam elas domésticas ou associadas ao mercado de trabalho (em países europeus, como na Bélgica, por exemplo, existem marcas de brinquedos de utensílios domésticos para ambos os sexos).

5. Referências

ATAL, J. P., ÑOPO, H. & WINDER, N., New Century, Old Disparities Gender and Ethnic Wage Gaps in Latin America, 2009, Disponível em

<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=2208929>; acesso em 28 de abril de 2016.

CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. Gênero e carreiras universitárias em 50 anos na Universidade Federal da Paraíba. In: RAMALHO, B.; BELTRÁN, J.; CARVALHO, M. E. P. de; DINIZ, A. V. S. (Orgs.). Reformas Educativas, Educação Superior e Globalização em Brasil, Portugal e Espanha. Alzira, ES: Editorial Germania, p. 237-269, 2011.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. Jovem, mostre a sua cara: um estudo das possibilidades e limites da escolha profissional. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 27, n. 2, Jun. 2007.

Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação Disponível em http://www.mct.gov.br/upd_blob/0218/218981.pdf; acesso em 15 de agosto de 2014.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



IPEA, Retrato das desigualdades de gênero e raça. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 4ª ed., Brasília, 2011

GILDA, O. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil, Inclusão Social, Brasília, DF, v. 5n.1, p.68-77, jul./dez. 2011.

HIRATA, H. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de Pesquisa, v. 1, n.132, set/dez, p.595-609, 2007

LEONE, E. T.; BALTAR, P. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. Rev. bras. estud. popul., São Paulo, v. 25, n. 2, Dec. 2008 .

QUEIROS, C. T. A. P. de; CARVALHO, M. E. P. de, MOREIRA, J. A., 18º Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero: Perspectiva Feminista de Gênero: Desafios no Campo da Militância e das Práticas;, Pernambuco, 24 a 27 de novembro, 2014 Disponível em <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/view/2076> ;acesso em 28 de abril de 2016

Pnud, Relatório de Desenvolvimento Humano, 2015, Disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report.pdf, acesso em 29 de abril de 2016.

Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, 1979, Disponível em <http://www.ohchr.org/EN/Pages/WelcomePage.aspx>, acesso em 13/04/2014

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:

